

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
LUZES NO CREPÚSCULO – O CINEMA DE AKI KAURISMÄKI
5 DE ABRIL DE 2023**

**TULITIKKUTEHTAAN TYTTÖ / 1990
“A Rapariga da Fábrica de Fósforos”**

Um filme de Aki Kaurismäki

Realização, argumento e montagem: Aki Kaurismäki / Fotografia (cor): Timo Salminen / Direcção artística: Risto Karhual / Música: Reijo Taipale / Som: Jouko Lumme / Canções: “Satumaa” (Reijo Taipale), “Kolme Kitaara” (The Strangers), “Call your Lawyer” e “Wittgenstein” (Mauri Sumén), “Se Jokin Sinulla On” (Badding Rockers), “Herbstlaub” (Nardis), “Donoussa” (Klaus Treuheit), “Cadillac” (The Renegades), “I’m Gonna Get High” (Melrose) e “Sinfonia Patética” (Tchaikovski) e “Kuinka Saatoitkaan” (Olavi Virta) / Interpretação: Kati Outinen (Iris), Elina Salo (a mãe), Esko Nikkari (o padrasto), Vesa Vierikko (Aarne), Reijo Taipale (o cantor), Silu Seppälä (o irmão), Outi Mäenpää (a colega de trabalho), Marja Peckalen (a médica), Richard Reitinger (o homem no bar), Kurt Siilas (o polícia).

Produtores: Aki Kaurismäki, Klas Olofsson e Katinka Faragó / Produção: Villealfa Filmproductions (Finlândia) e Svenska Filminstitutet (Suécia) / Cópia: 35mm, versão original legendada em inglês e electronicamente em português / Duração: 68 minutos / Estreia finlandesa: 12 de Janeiro de 1990 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca Portuguesa: 21 de Março de 2000 (Ciclo Aki Kaurismäki).

*O que Buñuel me ensinou, o que eu aprendi com os seus filmes,
é que a piedade, o sentimentalismo e a excessiva doçura nas
situações sociais, assim como nas relações interpessoais, estão fora de questão.*

(Aki Kaurismäki, entrevista a Peter von Bagh; *Filmihullu*, 5, 1991)

Tulitikkutehtaan Tyttö, habitualmente considerado o fecho da “trilogia proletária” pelos comentadores da obra de Aki Kaurismäki, demonstra claramente a insuficiência e a arbitrariedade de tal designação. Para além de ter sempre preferido designá-la como “trilogia dos vencidos”, Kaurismäki nunca escondeu o carácter accidental do empreendimento, chegando a ironizar que, “para evitar que me censurassem a realização de três filmes tão semelhantes entre si, apresentei-os como uma trilogia sobre a realidade finlandesa”. Tal rótulo faria pressupor uma relativa unidade entre os três filmes, ao mesmo tempo que os demarcaria de forma evidente da restante obra do seu autor (de resto, o todo é coerentíssimo mesmo nas suas aparentes incoerências). Se é verdade que são muitos os pontos de contacto formais ou de conteúdo que se podem estabelecer entre **Varjoja Paratiisissa**, **Ariel** e **Tulitikkutehtaan Tyttö**, podem ser traçadas quase tantas linhas de continuidade entre a restante filmografia de Kaurismäki. A verdade é que essa “realidade finlandesa” (o vago tema da trilogia) está igualmente presente, e porventura de forma mais evidente, em outros filmes de Kaurismäki (até mesmo, paradoxalmente ou nem por isso, naqueles que foram rodados fora da Finlândia). Da mesma forma, a figura do proletário ou do perdedor está longe de ser exclusiva desses três filmes já que é a personagem por excelência do imaginário humano kaurismakiano.

Em vez de procurarmos insistir nas semelhanças entre **Tulitikkutehtaan Tyttö** e os seus companheiros de trilogia, valerá mais a pena estar atento às diferenças que traz em relação aos dois filmes anteriores. A mais importante diz respeito a uma discreta, mas decisiva, evolução estilística. A herança, naturalmente revista e actualizada, da tradição do realismo social que muitos quiseram ver

em **Varjoja Paratiisissa** e **Ariel**, dá lugar em **Tulitikkutehtaan Tyttö** a outra influência cinematográfica, possivelmente mais arcaica e mais vital: a do melodrama. Como foi várias vezes referido logo no primeiro ciclo que a Cinemateca lhe dedicou (em 2000) e também no respectivo catálogo, a persistência na filmografia de Kaurismäki de uma activa e secreta componente melodramática (ainda que reformulada pela idiossincrasias do realizador, como mais adiante se explica), que estaria sempre presente, na parte ou no todo, dos seus filmes (com poucas excepções) e que culminaria, de forma mais evidente, em **Juha**. a homenagem que quis fazer à estética e ao espírito do cinema mudo e que será talvez (pelo menos para o autor destas linhas) o seu filme menos logrado. Curiosamente, esse processo de apropriação do espírito e da letra do melodrama por Kaurismäki é da mesma natureza que a transformação por ele operada em relação ao drama social. Consiste esse processo na extrema depuração dos seus modelos e traduz-se na sua redução ao essencial. Despojamento que se reflecte nas esqueléticas tramas narrativas, na concisão e no laconismo da representação dos actores, na sobriedade expressiva dos décors, no rigor minimalista dos enquadramentos e dos movimentos de câmara ou na exemplaridade da *découpage*. O estimulante exercício de memória cinéfila que todos os filmes de Kaurismäki suscitam, é menos o de neles procurar citações mais ou menos explícitas de obras alheias (ou das próprias, já que são também inúmeros os ecos auto-referenciais), mas o de reconhecer em cada filme específico um singularíssimo *trabalho* de criação do *novo* a partir do *antigo*.

O *antigo* em **Tulitikkutehtaan Tyttö**, como já referimos, é a duradoura tradição do melodrama na literatura (*A Rapariga da Caixa de Fósforos*, de Andersen, serviu de inspiração genérica ao filme) e no cinema. O *novo* é uma original reconversão dessa tradição, pela qual alguns arquétipos melodramáticos surgem transfigurados pela estilização e pelo muito peculiar sentido de humor de Kaurismäki. A terrível realidade retratada em **Tulitikkutehtaan Tyttö** (e a sequência de abertura é exemplar ao dar-nos desde logo o sufocante quotidiano sem saídas da protagonista) não é, evidentemente, da ordem de um realismo social mais imediato (entre o verosímil e o verdadeiro, Kaurismäki opta sempre por este último). Da mesma forma, seria simplista e redutor ver na vingança final de Iris uma leitura mecanicista de uma dinâmica social injusta que transformaria pacíficas operárias em implacáveis *serial killers*. Embora o social esteja desde sempre inscrito nos filmes de Kaurismäki (deixando neles marcas profundas), ele nunca se sobrepõe à dimensão mais concreta e individual das histórias e das personagens. E a triste história de Iris e a sua *verdade dramática* é a de uma total incapacidade de ultrapassar a sua condição (ao contrário de outros ilustres “perdedores” de Kaurismäki), sem ser por um tão cego quanto gratuito acto de retaliação. Em tons de melodrama tintados de comédia negra, **Tulitikkutehtaan Tyttö** é uma fábula sem moral nem proveito.

Nuno Sena